

O RELATÓRIO DE FREI JOÃO EVANGELISTA

Apresentação de José Calasans

A fixação do Conselheiro em Canudos, no ano de 1893, denominando Belo Monte pelo seu ocupante, passou a constituir preocupação dos jornais baianos. Os correspondentes interioranos frequentemente enviavam suas notícias, muitas vezes transformadas em apelos ao governo para adotar providências contra os abusos cometidos pelos jagunços nas redondezas do arraial e pelo perigo que existia no crescimento daquele lugarejo, onde não eram respeitadas as autoridades republicanas e se combatia o regime vigente. Na quase totalidade das correspondências, pedia-se uma medida enérgica e urgente para a extinção daquele “pernicioso” foco monarquista. Rarissimamente se apresentava alguém na tentativa de minimizar a gravidade da situação, sugerindo medidas apaziguadoras para reduzir o poderio do Conselheiro, e tranquilamente convencer seus adeptos da necessidade de retorno às terras de origem, que estavam em completo abandono, com prejuízos incalculáveis para a boa marcha do trabalho e da produção. Pelas colunas dos três principais diários de Salvador, o jornal de Notícias, o Diário da Bahia e o Diário de Notícias, entre 1893 e 1895, liase, com insistência, noticiário sobre o Conselheiro e seu povoado. De Monte Santo, mais do que de qualquer outro ponto do estado, em razão de ser o quartel-general conselheirista localizado em terras do município, o correspondente local, de quinze em quinze dias, nas cartas regularmente remetidas, chamava a atenção do leitor para as ocorrências de Belo Monte. Teria sido, certamente o anônimo rabiscador monte-santense o homem que mais comentou a situação, lembrando, de modo invariável, a urgente necessidade de se encontrar um meio de conter a gente do “Bom Jesus”⁽¹⁾.

Desde os primeiros tempos do caso Conselheiro muitas pessoas acreditaram que competia à Igreja Católica, fazendo valer seu prestígio, interferir visando dissolver o ajuntamento pela palavra de um missionário habilidoso. O terço em vez do fuzil era a solução preconizada. O governador do estado, Rodrigues Lima, em 1895,

⁽¹⁾ José Calasans, “O Diário de Notícias e a Campanha de Canudos”, in Universitas nº 18, Bahia, Set-dez/1977.

resolveu solicitar a colaboração do Arcebispado, embora estivesse muito em moda proclamar o cumprimento do ato do Governo Provisório separando a Igreja do Estado. O arcebispo da Bahia, D. Jerônimo Tomé, em vésperas de viajar para Roma, aquiesceu ao pedido e encarregou frei João Evangelista do Monte Marciano (1843-1921), capuchinho italiano, de dirigir a delicada missão. O frade se fez acompanhar de outro companheiro de ordem, frei Caetano de S. Leo, que chegara à Bahia um ano antes da tarefa. Ao missionário juntou-se o vigário do Cumbe, padre Vicente Sabino dos Santos, que pastorava o rebanho de Canudos, com alguma frequência, ali tendo casa para se alojar. A iniciativa pacificadora veio a ser frustrada. O frade italiano não possuía as qualidades essenciais para levar a bom termo ação religiosa tão importante. Após uns poucos dias de permanência em Canudos, a trindade missioneira teve de abandonar o local, agravando assim o relacionamento dos canudenses com o poder público. Se, porém, a finalidade do missionário redundou em malogro, o Relatório elaborado, impresso e divulgado longamente, passou a constituir elemento essencial à história do núcleo dito “monarquista” do interior baiano. Disse-nos, certa feita, frei Inocêncio, capuchinho, que conhecera pessoalmente frei João Evangelista, com quem morara no Convento da Piedade, Bahia, haver sido o conhecido Relatório redigido pelo monsenhor Basílio Pereira (1850-1930), personalidade de relevo no clero baiano, escritor e orador conceituado, irmão dos ilustres doutores Manuel Vitorino Pereira e Antônio Pacífico Pereira. O sacerdote era muito ligado aos frades capuchinhos do Convento da Piedade. Realmente tudo nos leva a crer haver sido de sua autoria o valioso documento, escrito em boa linguagem. O chefe da missão não se distinguia pela clara redação, falava de maneira desabrida, misturando a língua materna com o idioma da terra de adoção. Suas pregações, segundo a tradição corrente, eram repletas de ameaças anunciadoras de tremendos castigos celestiais. Por isso mesmo, inábil no encaminhamento de problema tão significativo e sensível como o episódio do Belo Monte. Malograda a louvável iniciativa pacificadora, restou, como dissemos, o *Relatório* informativo, embora, evidentemente, parcial, apaixonado mesmo em alguns pontos. Deu-nos ele, contudo, pela primeira vez, uma notícia geral da comunidade messiânica, aspecto

de sua vida cotidiana, pormenores dos seus costumes, novas de alguns cabecilhas da grei, o péssimo estado sanitário do povoado, as atitudes agressivas de exaltados seguidores do líder Antonio Conselheiro. Julgando haver encontrado um agrupamento rebelado, desrespeitador da lei, cerceador das liberdades públicas, indicava para resolver aquele flagrante atentado as necessárias providências do poder civil para o restabelecimento da lei e do culto católico. Em resumo, pedia a intervenção do governo estadual⁽²⁾. A missão mal orientada contra a qual se manifestou Carlos de Laet.

O *Relatório sobre Antônio Conselheiro e seu Séquito no Arraial dos Canudos* (Bahia, Tipografia do *Correio de Notícias*, 1895), com oito páginas, encerra, por assim dizer, o primeiro período da historiografia relativa à guerra de Canudos. Ele tem servido de base para o conhecimento da gente canadense e do seu poderoso chefe antes que chegasse a renhida e destruidora luta dos anos 96 e 97. Sendo, como realmente é, um relato oficial, o trabalho de frei João, pela circunstância de sua passagem, embora rápida, por Canudos, ganhou proporções de documento, básico. O professor José Augusto Cabral Barreto Bastos, em sua dissertação de mestrado, *A Ideologia dos Discursos sobre Canudos* (Salvador, 1979, ed. mimeografada), estudou o *Relatório*.

Há também um trabalho do general João Pereira de Oliveira, *Missão de Paz a Canudos* (Rio de Janeiro, Imprensa do Exército, 1987).

Relatorio apresentado, em 1895, pelo Reverendo Frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispado da Bahia, sobre Antonio “Conselheiro” e seu sequito no arraial dos Canudos^(*)

Exm. e Rvm. sr. – Não ignora v. ex. rvrma. que o exm. e rvm. sr. arcebispo, nas vespas da sua viagem para a visita *ad limina apostolorum*, confiou-me a ardua

⁽²⁾ Frei Gregório de S. Mariano, “Os Capuchinhos na Bahia”, in *Anais do Congresso de História da Bahia*. 1. Salvador, 1950, pp. 573-83. Transcreve o Relatório, publicado em 195 pelo governo da Bahia.

^(*) Foi mantida a ortografia original de 1895.

missão de ir ao povoado dos Canudos, freguezia do Cumbe, onde se estabeleceu o individuo conhecido vulgarmente por *Antonio Conselheiro*, afim de procurar pela pregação da verdade evangelica, e, appellando para os sentimentos da fé catholica que esse individuo diz professar, chamal-o e a seus infelizes assecclas aos deveres de catholicos e de cidadãos, que de todo esqueceram e violam habitualmente com as praticas as mais extravagantes e condemnavéis, offendendo a religião e perturbando a ordem publica. Comprehendendo bem as graves difficuldades da tarefa, acceitei-a, como filho da obediencia e confiado só na misericordia e no poder infinito d'Aquelle que, para fazer o bem, serve-se dos mais fracos e humildes instrumentos, e não cessa de querer que os mais inveterados peccadores se convertam e se salvem.

Munido, então, de faculdades e poderes especiaes, segui acompanhado de um outro religioso frei Caetano de S. Leo; e, hoje desempenhada, como nos foi possivel a incumbencia recebida, venho relatar minuciosamente a v. ex. rvma. o que observamos e qual o resultado dos nossos esforços, em parte frustrados, para que tenha v. ex. rvma. sciencia de tudo, e providencie como for conveniente, na qualidade de governador do arcebispado.

Principiarei por dizer que, partindo a 26 de abril, só a 13 de maio conseguimos entrar no povoado dos Canudos, apezar de nosso empenho em transportar-nos o mais depressa possível. As difficuldades em obter conducções e encontrar agasalho nas estradas, e guias conhecedores do caminho, retardaram a viagem, forçando-nos a uma demora de muitos dias no Cumbe, que ainda fica a 18 leguas dos Canudos.

Ainda tão distantes, já deparávamos os prenuncios da insubordinação e anarchia de que íamos ser testemunhas, e que se fazem sentir por muitas leguas em derredor do referido povoado.

Tres leguas antes de chegar ao Cumbe avistamos um numeroso grupo de homens, mulheres e meninos quasi nus, agglomerados em torno de fogueiras, e, acercandonos delles, os saudamos, perguntando-lhes eu si era aquella a estrada que conduzia ao Cumbe.

Seu primeiro movimento foi lançar mão de espingardas e facões que tinham de lado, e juntarem-se todos em altitudine aggressiva. Pensamos accalmal-os, disse-lhes que eramos dois missionarios que se tinham perdido na estrada e queriam saber se era longe a freguezia. Responderam: “não sabemos; perguntem alli”, e apontaram uma casa visinha.

Era uma guarda avançada do *Antonio Conselheiro*, essa gente que havíamos encontrado.

Annunciada no Cumbe, a missa conventual do domingo 5 de maio, a missão que iamos dar nos Canudos não foi para os habitantes desse povoado uma surpresa a nossa chegada no dia 13 ás 10 horas da manhã.

A fazenda Canudos dista duas léguas do *Riacho das Pedras*, no lado opposto á serra geral. Á uma legua de distancia o terreno é inculto, porém optimo para a criação miuda, principalmente nas cheias do rio Vaza-Barris.

Um kilometro adiante descobre-se uma vasta planicie muito fertil, regada pelo rio, na baixa de um monte, de cuja eminência já se avistam a casa antiga da fazenda Canudos, a capella edificada por *Antonio Conselheiro*, e as miserrimas haitações dos seus fanatisados discípulos.

Passado o rio, logo se encontram essas casinholas toscas, construidas de barro e cobertas de palha, de porta, sem janella, e não arruadas. O interior é immundo, e os moradores, que, quasi nus, saham fóra a olhar-nos, attestavam no aspecto esqualido e quasi cadaverico as privações de toda a especie, que curtiam. Vimos

depois a praça, de extensão regular, ladeada de cerca de doze casas de telha, e nas extremidades, em frente uma á outra, a capella e a casa de residência de *Antonio Conselheiro*. Á porta da capella e em vários pontos da praça apillhavam-se perto de mil homens armados de bacamarte, garrucha, facção, etc., dando aos Canudos a semelhança de uma praça d'armas ou melhor d'um acampamento de beduinos.

Usam elles camisa, calça e blusa de azulão, gorro azul á cabeça, alpercatas nos pés. O ar inquieto e o olhar ao mesmo tempo indagador, e sinistro denunciavam consciencias perturbadas e intenções hostis.

Alojamo-nos numa casa de propriedade do revm. vigario do Cumbe, que nos acompanhava e alli não havia voltado desde que á cerca de um anno soffrera grande desacato. Logo, após a nossa chegada, no decurso apenas de duas horas pude ver o seguinte, que dá a medida do abandono e desgraça em que vive aquella gente: passarem a enterrar oito cadáveres, conduzodos por homens armados, sem o mínimo signal religioso. Ouvei também que isso é um espectaculo de todos os dias e que a mortalidade nunca é inferior, devido ás molestias contrahidas pela extrema falta de asseio e penuria de meios de vida, que dá lugar até a morrerem á fome.

Refeitos um pouco da nossa penosa viagem, dirigimo-nos para a capella onde se achava então *Antonio Conselheiro*, assistindo aos trabalhos de construcção; mal nos perceberam, os magotes de homens armados cerraram fileiras junto á porta da calpella, e ao passarmos, disseram todos: "*Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo*", saudação frequente e commum, que só recusam em rompimento de hostilidades. Entrando, achamo-nos em presença de *Antonio Conselheiro*, que saudou-nos do mesmo modo.

Vestia túnica de azulão, tinha a cabeça descoberta e empunhava um bordão: os cabellos crescidos, sem nenhum trato a cahirem sobre os hombros: as hirsutas

barbas grisalhas, mais para brancas, os olhos fundos, raras vezes levantados para fitar alguém, o rosto comprido, e de uma pallidez quasi cadaverica; o porte grave e penitente, davam-lhe ao todo uma apparencia que não pouco teria contribuido para enganar e attrahir o povo simples e ignorante dos nossos sertões.

As primeiras palavras que trocamos versaram sobre as obras que se construíam, e elle convidou-nos a examinal-as, guiando-nos a todas as divisões do edificio.

Chegados ao côro, aproveitei a occasião de estarmos quasi sós, e disse-lhe que o fim a que eu ia era todo de paz, e que assim muito estranhava só enxergar alli homens armados, e não podia deixar de condemnar que se reunissem num logar tão pobre tantas familias, entregues á ociosidade e num abandono e miseria taes, que diariamente se davam de 8 a 9 obitos.

Por isso, de ordem em nome do sr. arcebispo, ia abrir uma santa missão, e aconselhar o povo a dispersar-se e a voltar aos lares e ao trabalho, no interesse de cada um e para o bem geral.

Emquanto dizia isto, a capella e o côro enchiam-se de gente, e ainda não acabava eu de falar, já elles a uma voz clamavam: "*Nós queremos acompanhar o nosso Conselheiro*". Este os fez calar, e voltando-se para mim, disse: "É para minha defeza que tenho commigo estes homens armados, porque v. revm. ha de saber que a policia atacou-me e quiz matar-me no logar chamado *Maceté*, onde houve mortes de um e de outro lado.

No tempo dia monarchia deixei-me prender, porque reconhecia o governo; hoje não, porque não reconheço a Republica".

"Senhor, repliquei eu, se é cathotico, deve considerar que a egreja condemna as revoltas, e, aceitando todas as formas de governo, ensina que os poderes constituídos regem os povos, em nome de Deus.

É assim em toda a parte: a França, que é uma das principaes nações da Europa, foi monarchia por muitos seculos, mas ha mais de 20 annos é Republica; e todo o povo, sem excepção dos monarchistas de lá, obedece ás autoridades e ás leis do governo.

Nós mesmos aqui no Brazil, a principiari dos bispos até o ultimo catholico, reconhecemos o governo actual; sómente vós não vos quereis sujeitar?

É mau pensar esse, é uma doutrina errada a vossa”.

Interrompeu-me um dos da turba, gritando com arrogância: “V. revm. é que tem uma doutrina falsa, e não o nosso *Conselheiro*”. D'esta vez ainda ,o velho impoz silencio, e por unica resposta me disse:

“Eu não desarmo a minha gente, mas também não estorvo a santa missão”. Não insisti no assumpto, e acompanhados da multidão, sahimos todos indo escolher o logar para a latada e providenciar para que no dia seguinte principiassem os exercicios.

Feito isso, e quando me retirava, os fanaticos levantaram estrondosos vivas á Santíssima Trindade, ao Bom Jesus, ao Divino Espírito Santo e ao *Antonio Conselheiro*.

Missionando em varias freguezias visinhas, eu havia já colhido informações sobre *Antonio Conselheiro* e seus principaes sectarios; mas, estando entre elles, quiz antes de dar principio á minha pregação, averiguar o que realmente elles eram e o que faziam.

Do que vi e ouvi apurei o que passo a registrar, para que se aprecie melhor o occorrido.

Antonio Conselheiro, cujo nome de familia é Antonio Vicente Mendes Maciel, cearense, de cór branca tostada ao sol, magro, alto de estatura, tem cerca de 65 annos e pouco vigor physico, parecendo soffrer alguma affecção organica, por frequentes e violentos accessos de tosse a que é sujeito.

Com uma certa reputação de austeridade de costumes, envolvem-no tambem, e concorrem para alimentar a curiosidade de que é alvo e o prestigio que exerce, umas vagas, mas insistentes supposições da expiação rigorosa de um crime, commettido, aliás, em circumstancia attenuantes.

Ninguém pode falar-lhe a sós, porque seus pretorianos não deixam, ou receiando pela vida do chefe, ou para não lhes escapar nenhum de seus movimentos e resoluções.

Antonio Conselheiro, inculcando zelo religioso, disciplina e orthodoxia catholica, não tem nada disso; pois contesta o ensino, transgride as leis e desconhece as autoridades ecclesiasticas, sempre que de algum modo lhe contrariam as idéias, ou os caprichos; e arrastando por esse caminho os seus infelizes sequazes, consente ainda que elles lhe prestem homenagens que importam um culto, e propalem em seu nome doutrinas subversivas da ordem, da moral e da fé.

Os alliciadores da seita se occupam em persuadir o povo de que todo aquelle que quizer se salvar precisa vir para os Canudos, porque nos outros logares tudo está contaminado e perdido pela Republica: alli, porem, nem é preciso trabalhar, é a terra da promessa, onde corre um rio de leite, e são de cuscuz de milho os barrancos.

Quem tiver bens, disponha delles e entregue o producto da venda ao bom *Conselheiro*, não reservando para si mais do que um vintem em cada cem mil reis. Se possuir imagens, traga-as para o santuário commum.

O que seguir isto á risca, terá direito a vestuario e ração; e contam-se em taes condições para mais de 800 homens e 200 mulheres no sequito do conhecido fanatico.

As mulheres se occupam em preparar a comida, coser e enfeitar os gorros de que usam os homens; e á noite vão cantar *Bemditos* na latada. accendendo fogueiras quando é tempo de frio.

Os homens estão sempre armados, e dia e noite, montam a *Antonio Conselheiro*; parecem idolatral-o e cada vez que elle transpõe o limiar da casa em que mora é logo recebido com ruidosas acclamações e vivas á Santissima Trindade, ao Bom Jesus e ao Divino Espirito Santo.

Entre essa turba desorientada, ha varias criminosos, segundo me affirmaram, citando-se até os nomes, alguns dos quaes eu retive, como o de João Abbade, que é allí chamado o *chefe do povo*, natural do Tucano, e réo de dous homicídios, e o de José Venancio, a quem attribuem dezoito mortes.

O *santo homem* fecha os olhos a estas *travessuras* e acolhe os *innocentes*, para que não os venha a perder a Republica!

Quanto a deveres e praticas religiosas, *Antonio Conselheiro* não se arroga nenhuma funcção sacerdotal, mas também não dá jamais o exemplo de aproximar-se dos sacramentos, fazendo crêr com isto que não carece delles, nem do ministerio dos padres; e as ceremonias do culto a que preside, e que se repetem mais a miude entre os seus, são mescladas de signaes de superstição e idolatria, como é, por exemplo, o chamado *Beija* das imagens, a que procedem com profundas prostrações e culto equal a todas, sem distincção entre as do Divino Crucificado, e da Santissima Virgem e quaesquer outras.

Antonio Conselheiro costuma reunir em certos dias o seu povo, para dar-lhe *conselhos*, que se resentem sempre do seu fanatismo em assumpto de religião e da sua formal opposição ao actual regimen politico; mas, ou para mostrar deferencia com o missionario, ou por ter meios de dar instrucções secretas, absteve-se de falar em publico, enquanto eu lá estive.

Abri a missão a 14 de maio, e já nesse dia concorreram não menos de quatro mil pessoas: dos homens, todos os que podiam manejar uma arma lá estavam, carregando bacamartes, garruchas, espingardas, pistolas e facões; de cartucheira á cinta e gorro á cabeça, na attitude de quem vae á guerra. O *Conselheiro* também veio, trazendo o bordão: collocava-se ao lado do altar, e ouvia attento e impassivel; mas, como quem fiscalisa, e deixando escapar alguma vez gestos de desapprovação, que os maioraes da grei confirmavam com incisivos protestos. Succedeu isto de um modo mais notavel, certa occasião em que explicava o que era e como devia fazer-se o jejum, ponderando que elle tinha por fim a mortificação do corpo e o refreiamto das paixões pela sobriedade e temperança, mas não o aniquilamento das forças por uma longa e rigorosa privação de alimentos, e que, por isso, a igreja para facilitar dispensava em muitos dias de jejum a abstinencia, e nunca prohibiu o uso dos líquidos em moderada quantidade. Ouvindo que se podia jejuar muitas vezes comendo carne ao jantar, e tomando pela manhan uma chavena de café: o *Conselheiro* estendeu o labio inferior e sacudiu negativamente a cabeça, e os seus principaes asseclas romperam logo em apartes, exclamando com emphase um dentre elles: “Ora, isto não é jejum, é comer a fartar”.

Fora essas ligeiras interrupções, a missão correu em paz até o quarto dia, em que eu preguei sobre o dever da obediencia á autoridade, e fiz ver que, sendo a Republica governo constituido no Brazil, todos os cidadãos, inclusive os que tivessem convicções contrarias, deviam reconhecê-lo e respeitá-lo. Observei que neste sentido já se renunciara o Summo Pontifice, recommendando a concordia dos catholicos brasileiros como poder civil; e conclui, declarando que se persistissem em desobedecer e hostilisar um governo que o povo brasileiro quasi

na sua totalidade aceitara, não fizessem da religião pretexto ou capa de seus ódios e caprichos, porque a igreja catholica não é nem será nunca solidária com instrumentos de paixões e interesses particulares ou com perturbadores da ordem publica.

Estas minhas palavras irritaram o animo de muitos, e desde logo começaram a fazer propaganda contra a missão e os missionarios, arredando o povo de vir assistir á pregação de um padre *maçon, protestante e republicano*, e dirigindo-me, quando passavam e até ao pé do pulpito, ameaças de castigo e até de morte. Espalharam que eu era emissario do governo e que, de intelligencia com este, ia abrir caminho á tropa que viria de surpresa prender o *Conselheiro* e exterminar todos elles. E, passando de palavras a factos, occuparam com gente armada todas as estradas do povoado, pondo-o em estado de sitio, de modo a não poder ninguem entrar nem sahir sem ser antes reconhecido, como o fizeram ao proprio vigario da freguezia, detendo-o a bocca da estrada, quando ás 7 horas da noite, tendo se ausentado por justo motivo, regressava para os Canudos.

Roguei a Deus que amparasse a minha fraqueza, e, sem me afastar da calma e da moderação com que deve falar um missionario catholico, em um dos dias seguintes occupei-me do homicidio, e, depois de considerar a malicia enorme e a irreparabilidade deste crime, entrei a mostrar que não eram homicidas só os que serviam-se do ferro ou do veneno para de emboscada ou de frente arrancar a vida aos seus semelhantes; que tambem o eram, até certoponto, aquelles que arrastavam outros a acompanhal-os em seus erros e desatinos, deixando-os depois morrer, dizimados pelas molestias, á mingua de recursos e até do pão, como acontecia alli mesmo; e, então, perguntei-lhes quem eram os responsaveis pela morte e pelo fim miseravel de velhos, mulheres e creanças que diariamente pereciam naquelle povoado em extrema penuria e abandono. Sahiu dentre a multidão uma voz lamuriosa dizendo assim: “*É o Bom Jesus que os manda para o céo.*”

Exasperava-os a franqueza e a energia, com que o missionario lhes censurava os máus feitos, e não perdiam occasião de rugir contra elle, mas não se animavam a pôrlhe mãos violentas, porque havia mais de seis mil pessoas assistindo, a missão, e a mór parte era gente de fora que só a isto viera e reagiria certamente se elles me tocassem.

Limitaram-se a injurias, acenos e ditos ameaçadores, até o dia 20 de maio, setimo da missão, em que já não se contiveram nessas manifestações isoladas e orgaisaram um protesto geral e estrepitoso do grupo arregimentado. Desde as 11 horas da manhan, João Abbade, chamado o chefe do povo, foi visto a percorrer a praça apitando impaciente, como a chamar a soldadesca a postos contra alguma aggressão inimiga, e a gente foi se reunindo, até que ao meio dia estava a Praça coalhada de homens armados, mulheres e meninos que, a queimar foguetes, e com uma algazarra infernal, dirigiam-se para a capella, erguendo vivas ao Bom Jesus, ao Divino Espirito Santo e a *Antonio Conselheiro*, e de lá vieram até nossa casa, dando fóras aos *republicanos, maçons e protestantes*, e gritando que não precisavam de padres para se salvar, porque tinham o seu *Conselheiro*.

Nessa desatinada passeiata, andaram acima e abaixo pela espaço de duas horas, dispersando-se afinal, sem irem além. À tarde, verberando a cegueira e insensatez dos que, assim haviam procedido, mostrei que tinha sido aquillo um desacato sacrilego á religião e ao sagrado character sacerdotal, e que, portanto, punha termo á santa missão, e, como outr'ora os apóstolos ás portas das cidades que os repelliam, eu sacudia alli mesmo o pó das sandálias, e retirava-me, annunciando-lhes que se a tempo não abrissem os olhos á luz da verdade, sentiriam um dia o peso esmagador da Justiça Divina, a qual não escapam os que insultam os enviados do Senhor e despresam os meios de salvação. E os deixei, não voltando mais á latada, nem me prestando a exercer o meu ministério em logar ou acto publico.

A suspensão repentina da santa missão produziu nos circumstantes o effeito de um raio, deixando-os attonitos e impressionados; os que ainda não se haviam alistado na *companhia do Bom Jesus*, que não recebiam do *Conselheiro* a comida e a roupa, e não dependiam delle portanto, deram-me plena razão, e, reprovando formalmente os desvarios de tal gente, começaram a sahir do povoado, já queixosos e completamente desilludidos das virtudes do *Antonio Conselheiro*.

Os outros, conhecendo-se em grande minoria, e avaliando que essa retirada em massa redundaria em notorio descredito delles, enviavam-me ás pressas uma commissão, em que entraram os mais exaltados, e que veiu pedir-me em nome do *Antonio Conselheiro* a continuação da missão, allegando que não deviam soffrer os innocentes pelos culpados, e que assim ficaria o povo privado do Sacramento do Chrisma e de outros beneficios espirituaes que só no fim da missão se lucravam. Descobrimdo-lhes ao mesmo tempo a manha e a fraqueza, resisti aos pedidos, e deixei que o meu acto, mais feliz do que as minhas palavras, acabasse de operar a dispersão daquelas multidões, presa imminente do fanatismo de um insensato, servido por imbecis ou explorado por perversos.

Haviam-se feito já, quando encerrei de chofre os trabalhos da missão, 55 casamentos de amancebados, 102 baptisados, e mais de 400 confissões.

No dia em que devíamos partir, fui pela manhan chamado para uma confissão de enfermo e acudi sem hesitação, seguindo uns homens armados que tinham vindo chamar-me a esse fim. Chegado á casa, interroguei o doente se queria confessar-se, e, respondendo que sim, pedi aos taes homens armados que sahissem para não ouvir a confissão. Elles não se moveram, e um perfilou-se e bradou “custe o que custar, não sahimos.”

Observei, então, ao doente que nem eu podia ouvir a confissão, nem elle estava obrigado a fazel-a em taes circumstancias; e immediatamente retirei-me,

protestando em voz alta, da porta da casa e na rua, contra aquella affrontosa violação das leis da religião e da caridade.

Redobrou então a furia daquelles desvairados, e, vomitando insultos, imprecações e juras de vingança, tomaram a entrada da casa em que eu me hospedara e onde já me achava. A minha missão terminara: a seita havia levado o maior golpe que eu podia descarregar-lhe, e conservar-me por mais tempo no meio daquella gente ou sahir-lhes ainda ao encontro, seria rematada imprudencia sem a mínima utilidade. Os companheiros de viagem esperavam-nos com os animaes arreitados nos fundos da casa: dando costas aos miseros provocadores, de lá mesmo seguimos, e, galgando a estrada, ao olhar pela ultima vez o povoado, condoído da sua triste situação, como o Divino Mestre diante de Jerusalém, eu senti um aperto n'alma e pareceo-me poder tambem dizer- lhe:

“Desconheceste os emissarios da verdade e da paz, repelliste a visita da salvação: mas ahi vêm tempos em que forças irresistiveis te sitiarão, braço poderoso te derrubará, e arrazando as tuas trincheiras, desarmando os teos esbirros, dissolverá a seita impostora e maligna que te reduzio a seo jugo, odioso e aviltante”.

Hoje, longe dessa infeliz localidade, e podendo informar sem resentimento e com toda a exactidão e justiça, eu recapitularei o exposto, dizendo o seguinte:

A missão de que fui encarregado, além da vantagem de apprehender e denunciar a impostura e perversidade da seita fanatica no proprio centro de suas operações, teve ainda um benéfico effeito, que foi o de arrancar-lhe innumeradas prezas, desenganando a uns das virtudes suppostas e premunindo outros contra as doutrinas e praticas abusivas e reprovadas de *Antonio Conselheiro* e de seus fanticos discipulos. Descreram delle e felizmente já abandonaram multidões consideraveis de povo que, regressando a suas terras, maldiz da hora em que os

seguiu, e vai resgatar o seu erro pela obediência ás legítimas autoridades e pelo trabalho.

Onde não chegarem as vozes dos que colheram tão amarga experiência, faça-se ouvir a palavra autorizada dos pastores das almas, denunciando o carácter abominável e a influencia maléfica da seita, e ella de certo não logram fazer novos proselytos.

Entretanto, comprazendo-me em consignar que só si conservam actualmente ao lado do *Conselheiro* aquelles que já estavam encorporados na legião por elles intitulada *Companhia do Bom Jesus*, no interesse da ordem publica e pelo respeito devido á lei, garanto a inteira veracidade do que informo e accreseento:

A seita politico-religiosa, estabelecida e intrincheirada nos Canudos, não é só um foco de superstição e fanatismo e um pequeno schisma na egreja bahiana; é, principalmente, um nucleo, na apparencia desprezível, mas um tanto perigoso e funesto de ousada resistencia e hostilidade ao governo constituído no paiz.

Encarados o arrojo das pretensões e a soberania dos factos, pode-se dizer que é aquillo um estado no Estado: alli não são acceitas as leis, não são reconhecidas as autoridades, não é admitido á circulação o próprio dinheiro da República.

Antonio Conselheiro conta a seu serviço mais de mil companheiros decididos: entre estes os homens, em numero talvez de oitocentos, sempre armados, e as mulheres e creanças dispostas de modo a formarem uma reserva que elle mobilisa e põe em pé de guerra, quando julga preciso.

Quem foi alistado na *Companhia* difficilmente poderá libertar-se e vem a soffrer violencias, se fizer qualquer reclamação, como succedeu durante a minha estada a um pobre coitado que, por exigir a restituição das imagens que havia trazido, foi posto em prisão.

A milicia fanatica só dá entrada no povoado a quem bem lhe apraz; aos amigos do governo ou republicanos conhecidos ou suspeitos, ella faz logo retroceder ou tolera que entrem, mas trazendo-os em vista e prompta a expulsal-os; quanto aos indifferentes e que não se decidem a entrar na seita, esses podem viver alli, e têm liberdade para se occupar de seus interesses, mas correndo grandes riscos, e entre elles o de serem algum dia inesperadamente saqueados os seus bens em proveito da *Santa Companhia*: sorte esta pouco invejavel, que ainda recentemente, coube a um certo negociante que lá se estabelecera, vindo da cidade do Bomfim.

Naquella infeliz localidade, portanto, não tem imperio a lei, e as liberdades publicas estão grosseiramente coarctadas.

O desaggravo da religião, o bem social e a dignidade do poder civil pedem uma providencia que restabeleça no povoado dos Canudos o prestigio da Lei, as garantias do culto catholico e os nossos fóros de povo civilisado. Aquella situação deplorável de fanatismo e de anarchia deve cessar para honra do povo brasileiro para o qual é triste e humilhante que, ainda na mais inculta nesga da terra patria, o sentimento religioso desça a taes aberrações e o partidarismo político desvaire em tão estulta e baixa reacção.

Releve-me v. ex. revma. a rudeza das considerações que expendi e a prolixidade desta exposição, cujo intuito é mostrar o quanto esforçou-se o humilde missionario por desempenhar a tarefa que lhe foi confiada, e inteirar a v. ex. revma, do quanto ocorreu por essa occasião e da attitude rebelde e bellicosa que *Antonio Conselheiro* e os seus sequazes assumiram e mantêm contra a igreja e o Estado; afim de que, dando ás informações prestadas, o valor que merecerem, delibere v. ex. revma. sobre o caso, como em seu alto criterio e reconhecido zelo julgar conveniente.

Deus guarde a v. ex. revma.

Exmo. e revm. sr. conego Clarindo de Souza Aranha, digno governador do arcebispado da Bahia. Frei *João Evangelista de Monte Marciano*, missionário apostólico capuchinho.”